

## A TERRA CHEIA DAS PROPRIEDADES DO SENHOR:

### Uma leitura verde do Salmo 104

**Matthias GRENZER** é Doutor em Teologia pela Faculdade de Filosofia e Teologia St. Georgen em Frankfurt, Alemanha, e Mestre em História pela PUC-SP. Leciona na Faculdade de Teologia da PUC-SP e lidera o Grupo de Pesquisa TIAT (Tradução e Interpretação do Antigo Testamento).\*

#### Resumo

O Salmo 104, em forma de poema lírico, traz um amplo olhar para o céu, a terra e o mar. Percebe-se um maravilhamento com os mais diversos seres: luminares celestes, fenômenos climáticos, paisagens terrestres, recursos hidrográficos, vegetais e animais. O ser humano, por sua vez, é contemplado como parte integrante desse mundo, estando em meio a tudo que o Senhor, Deus de Israel, criou. Não goza de nenhum tipo de superioridade em relação aos seres não humanos, mas tem a tarefa de compreender estes últimos, a fim de prevalecerem convivências harmoniosas e respeitadas. O presente estudo, de um modo específico, visa ao entendimento mais exato do que o Salmo 104 traz de reflexão sobre a complexidade da vida existente neste mundo.

**Palavras-chave:** Salmos. Eco poeticidades. Leitura verde.

#### Abstract

Psalm 104, in the form of a lyrical poem, takes a broad look at the sky, the earth and the sea. There seems to be a sense of wonder at the most diverse beings: celestial luminaries, climatic phenomena, terrestrial landscapes, hydrographic resources, plants and animals. The human being, in turn, is contemplated as an integral part of this world, that is, amid everything that the Lord, God of Israel, has created. Man or woman does not have any kind of superiority over non-human beings, but rather the task of understanding the latter, so that harmonious and respectful coexistence can prevail. This study specifically aims to understand more precisely what Psalm 104 says about the complexity of life in this world.

**Keywords:** Psalms. Poetic Ecology. Green reading.

---

\* E-mail: [mgrenzer@pucsp.br](mailto:mgrenzer@pucsp.br). No âmbito de um Projeto de *Iniciação Científica*, intitulado “Leitura verde do Salmo 104”, cinco graduandos do Curso de Bacharelado em Teologia da PUC-SP colaboraram com o presente estudo: Danilo Barreto Lopes, Ricardo Corrêa de Souza, Kleyton Gustavo de Rezende, Vladimir da Fonseca Junior e Fernando Oliveira do Nascimento.

## Introdução

O Salmo 104 talvez seja “o maior hino à glória da criação na Bíblia Hebraica” (ALTER, 2018, p. 51). Originalmente escrito em hebraico, o poema lírico contempla, de um modo abrangente, o céu, a terra e o mar. Com isso, reflete sobre fenômenos climáticos, paisagens terrestres, recursos hidrográficos, vegetais, animais e, inclusive, alimento.

O processo de ler os milenares textos bíblicos com maior atenção às questões ambientais pode ser tematicamente rotulado de *leitura verde*. Do ponto de vista literário, trata-se de *ecopoeticidades*, uma vez que o olhar para a natureza ocorre, sobretudo, nos moldes de narrativas, formulações jurídicas e poemas líricos. Além disso, ao levar em consideração que o olhar para a natureza resulta numa reflexão sobre Deus, os raciocínios, então, tornam-se *ecoteológicos* e/ou *teologia da criação*. Todavia, no caso dos Salmos, verifica-se que os poemas em questão, “de fato, fornecem um ponto de entrada hermenêutica que convida os leitores a lerem os textos bíblicos em consórcio com a criação, e não sobre e contra a criação” (BROWN, 2022, p. 167). Enfim, as dimensões ambientais, humanas e divinas se misturam nessas milenares orações poéticas.

A organização interna da presente pesquisa nasce da intenção de investigar, de forma pormenorizada, os espaços e fenômenos ambientais diretamente mencionados no Salmo 104. Trata-se do “espaço imaginado”, isto é, da “descrição desse espaço em um nível emotivo” (DECLAISSE-WALFORD, 2023, p. 6), e não necessariamente da realidade experimentada por quem compôs essas linhas e/ou por seus ouvintes-leitores, sendo que ambos somente podem ser conhecidos de forma hipotética. Todavia, o poema em questão convida os seus ouvintes-leitores, pertencentes aos mais diversos contextos histórico-culturais, a acolherem, de forma favorável e empática, os espaços e lugares visitados, com todos os seres a estes pertencentes. Assim, após (1) uma tradução própria do texto bíblico originalmente composto em hebraico, os itens a serem focados serão (2) os céus e os fenômenos celestes, (3) a terra e os recursos hidrográficos, (4) os animais, (5) os vegetais e (6) o mar.

## O poema bíblico

A seguinte tradução do Salmo 104 insiste nos princípios da literalidade e da literariedade. Isto é, na medida do possível, procura-se transpor para a língua portuguesa o que o texto hebraico guarda de beleza e força poéticas. Embora as seções ou unidades literárias do poema nasçam, sobretudo, das temáticas nelas acolhidas, ocorrendo, conseqüentemente, “a condução do pensamento relacionada ao conteúdo” (JANOWSKI,

2022, p. 130), o emprego de diversos elementos estilísticos – paralelismos, estruturas concêntricas, direção do discurso, flexão dos verbos etc. – ajuda a estruturar o texto formado por trinta e cinco versículos. Seja mencionado ainda que, de acordo com a tradição católica indicada na Instrução *Liturgiam authenticam* (n. 41), o nome de Deus, isto é, o *tetragrama*, é apresentado como “SENHOR (יהוה)” (v. 1<sup>2x</sup>.16.24.31<sup>2x</sup>.33.34.35).

(1) Ó minha alma, bendize o SENHOR!

SENHOR, meu Deus, ficaste muito grande:  
de majestade e esplendor te vestiste.

(2) Como em um manto, envolve-se em luz.

Estende os céus como uma lona.

(3) Constrói suas salas superiores nas águas.  
Transforma as nuvens em sua carruagem,  
anda sobre as asas do vento.

(4) Faz dos ventos seus mensageiros  
e, do fogo chamejante, seus ministros.

(5) Fundou a terra sobre as bases dela:  
jamais vacilará.

(6) O oceano primevo a cobriu como uma veste,  
as águas detinham-se acima dos montes.

(7) Fugiam por causa de tua repreensão:  
ao som de teu trovão, atropelavam-se.

(8) Subiam os montes, desciam para os vales,  
rumo ao lugar que lhes fundaras.

(9) Impuseste um limite: não o ultrapassam,  
não voltam a cobrir a terra.

(10) É quem faz jorrar mananciais nas torrentes de água,  
que correm entre os montes.

(11) Dão de beber a todos os animais do campo:  
asnos selvagens matam sua sede.

(12) Acima deles moram as aves dos céus:  
por entre as ramagens soltam a voz.

(13) É quem faz beberem os montes de suas salas superiores:  
a terra se sacia do fruto de tuas obras.

(14) Faz brotar capim para o quadrúpede  
e as plantas para o cultivo do ser humano,  
para fazer sair da terra o alimento:

(15) o vinho, que alegra o coração do ser mortal,  
o azeite, para fazer as faces brilharem,  
e o pão, que fortalece o coração do ser mortal.

(16) As árvores do SENHOR se saciam,  
os cedros do Líbano, que plantou,

(17) sendo que ali os pássaros se aninham,

a cegonha, que tem os ciprestes como sua casa.

(18) Montes altos são para as cabras-monteses,  
rochas são abrigo para os texugos.

(19) Fez a lua para as festividades:  
o sol conhece seu poente.

(20) Dispões trevas, e há noite:  
nela se move todo animal do bosque.

(21) Os leões jovens rugem por uma presa  
e por procurarem em Deus sua comida.

(22) Quando o sol brilha, recolhem-se  
e, em seus covis, reclinam-se.

(23) Então o ser humano sai para seu afazer  
e para seu serviço, até a tarde.

(24) Ó SENHOR, como se multiplicam tuas obras:  
fizeste-as todas com sabedoria.  
A terra ficou cheia de tuas propriedades.

(25) Eis o mar, grande e espaçoso em extensão,  
onde há réptil sem número,  
animais pequenos com os grandes!

(26) Ali navegam navios:  
há o Leviatã, que formaste  
para brincar com ele.

(27) Todos eles esperam de ti,  
para lhes dar sua comida a seu tempo.

(28) Dás para eles e recolhem:  
abres tua mão, e saciam-se de bens.

(29) Caso escondas tua face, ficam apavorados:  
caso recolhas seu sopro,  
falecem e voltam a seu pó.

(30) Caso entregues teu sopro, são criados,  
e renovas a face do solo.

(31) A glória do SENHOR seja para sempre!  
O SENHOR se alegra com suas obras.

(32) É quem contempla a terra, para que esta estremeça:  
toca em montes, para que fumeguem.

(33) Vou cantar ao SENHOR em minha vida:  
quero salmodiar a meu Deus enquanto eu existir.

(34) Que minha meditação lhe agrade!  
Quanto a mim, alegro-me no SENHOR.

(35) Que os pecadores se acabem na terra!  
E os perversos: que eles não mais existam!  
Ó minha alma, bendize o SENHOR!

Aleluia!

## Céus e fenômenos celestes

Em dois momentos, o Salmo 104 apresenta a palavra “céus (שָׁמַיִם)” (vv. 2.12), substantivo que, na língua hebraica, é flexionado no plural. Como “fenômeno semântico”, esse número alude à “expansão espacial” do lugar, imaginando-se, no entanto, um “único céu, e não uma multiplicidade de céus” (BARTELMUS, 2015, p. 205). A presente pesquisa concentra-se na pergunta sobre como o poema em questão enxerga esse espaço, inclusive as conotações teológicas dele.

No livro dos Salmos, comumente, contemplam-se os “céus acima da terra (עַל-הָאָרֶץ)” (Sl 103,11) como “obra (מַעֲשֵׂה)” de Deus (Sl 8,4; 33,6; 96,5; 102,26; 115,15; 121,2; 124,8; 134,3; 136,5; 146,6). Visa-se ao “SENHOR” como quem, também, “fez tudo” o que existe “nos céus” (Sl 135,6). Dessa forma, com os seus “dias” intermináveis (Sl 89,30), “os céus de outrora (שָׁמַיִם-קִדְמִים)” (Sl 68,34) pertencem a este último (Sl 89,12). São “céus para” ou “do SENHOR” (Sl 115,16), e este é “o Deus dos céus (אֱלֹהֵי הַשָּׁמַיִם)” (Sl 136,26).

O Salmo 104 investe nessa compreensão com a imagem de o “SENHOR” (v. 1b) “estender os céus como uma lona (יָרִיעָה)” (v. 2). Esta última traz à memória ora “as lonas” do santuário móvel pertencente à dinâmica exodal (Ex 26,1-13; 36,8-17; Nm 4,25; 2Sm 7,2; 1Cr 17,1), ora as “lonas” nobres do rei Salomão (Ct 1,5) ou as “lonas” que servem como morada ao povo (Is 54,2; Jr 4,20; 10,20; 49,29; Hab 3,7). Todavia, no Salmo 104, após a descrição da “sublimidade do deus real” como quem se encontra “envolto numa vestimenta luminosa” (vv. 1b-2a), visa-se, nos vv. 2b-4b, à “atuação” do Senhor “no espaço celeste” (JANOWSKI, 2022, p. 130). Gera-se a ideia de céus estendíveis e de Deus como “quem estende (נוֹטֵה)” (v. 2b; Sl 18,10; 144,5) esse espaço, conferindo-lhe as suas dimensões imensas.<sup>1</sup>

Além disso, o Salmo 104 insiste na percepção de que os céus são uma realidade estruturada. Acolhe-se a compreensão vertical do mundo, com os “céus (שָׁמַיִם)” (vv. 2.12) como “ponto final mais elevado do eixo espacial vertical” (BERLEJUNG, 2016, p. 268). Ou seja, tendo os “montes (הַרִיִם)” (v. 10) como referência, os “céus” (v. 12a) localizam-se “acima

<sup>1</sup> O v. 2a é um verso de passagem, aparentemente com uma função dupla. De um lado, termina o pensamento desenvolvido no v. 1b-c. No caso, os verbos “vestir-se (לְבַשׁ)” (v. 1c) e “envolver-se (עָטָה)” (v. 2a), assim como os substantivos “majestade (הוֹד)” (v. 1c), “esplendor (הֵדָר)” e “luz (אֹר)” (v. 2a), geram paralelismos. Do outro, o v. 2a inicia a reflexão presente nos vv. 2b-4b. Após os verbos flexionados na conjugação de sufixos, com aspecto temporal do passado – “ficaste grande (גָּדַלְתָּ)” (v. 1b) e “vestiste-te (לְבַשְׁתָּ)” (v. 1c) –, começa, no v. 2a, a série dos verbos flexionados como participios ativos, traduzidos no tempo presente: “envolve-se (עָטָה)” (v. 2a), “estende (נוֹטֵה)” (v. 2b), “constrói (בָּנֶה)” (v. 3a), “transforma (שָׁם)” (v. 3b), “anda (מְהַלֵּךְ)” (v. 3c) e “faz (עָשָׂה)” (v. 4a). Nasce, assim, a impressão de que, em relação aos céus, existe uma “constante presença da atividade cósmica de Deus” (ALTER, 2018, p. 51).

deles (עֲלֵיָהֶם) (v. 12). E é ali, isto é, nos “céus” (v. 2b) – e não na terra –, que se inicia a atividade criadora de Deus. Ou seja, após “estender os céus como uma lona” (v. 2b), em cima desta última se encontram as “salas superiores (עֲלִיּוֹת) construídas nas águas (בַּמַּיִם)” (v. 3a) e, embaixo dela, as “nuvens (עַבִּיִם)” (v. 3b), o(s) “vento(s) (רוּחַ e רוּחוֹת)” (v. 3c.4a) e o “fogo lampejante (אֵשׁ לֹהֵט)” (v. 4b), quer dizer, os relâmpagos (cf. essa compreensão das camadas celestes em JANOWSKI, 2022, p. 131).<sup>2</sup> Com isso, subentende-se também que as diversas realidades atmosféricas, como fenômenos celestes, pertencem a Deus. Mais ainda, elas são contempladas, inclusive, como insígnias da realeza do Senhor. Nesse sentido, “os céus como lona” (v. 2b) e as “salas superiores” (v. 2b) indicam o “palácio” de Deus; “nuvens” (v. 3b) e “asas do vento” (v. 3c), por sua vez, tornam-se “a carruagem do Senhor”; e, por fim, os “ventos” como “mensageiros” (v. 4a) e “o fogo chamejante” como “ministros” (v. 4b) compõem a “corte celeste” do Senhor (KRÜGER, 1997, p. 96).

O olhar para as condições meteorológicas e, com isso, para os céus, de fato, mais vezes faz parte da meditação de quem reza nos Salmos. Para descrever e/ou distinguir os aglomerados de gotas diminutas no ar, usam-se diversos vocábulos: “nuvem (עַב) (Sl 18,12.13; 77,18; 104,3; 148,7), “nuvem espessa (עָנָן)” (Sl 78,14; 97,2; 99,7; 105,39), “nuvem densa (עֲרַפֵּל)” (Sl 18,10; 97,2), “nuvem fina (קַחַל)” (Sl 18,12; 36,6; 57,11; 68,35; 77,18; 78,23; 89,7.38; 108,5) e “vapor (נְשִׁיאַ) (Sl 135,7). Com isso, observa-se também o “aguaceiro trevoso (חֻשְׁבַּת-מַיִם)” (Sl 18,12), o “avanço das nuvens” (Sl 18,13), o “céu coberto” (Sl 147,8), o “preparo para a chuva” (Sl 147,8) no sentido de “os céus se abrirem” (Sl 78,23) ou “gotejarem” (Sl 68,9), o “derramamento da água” (Sl 77,18) e, inclusive, “a subida dos vapores da terra” (Sl 135,7). Outros fenômenos atmosféricos se juntam às nuvens nos Salmos: o “vento (רוּחַ)” (vv. 3c.4a; Sl 1,4; 11,6; 18,11.16.43; 33,6; 35,5; 48,8; 55,9; 83,14; 103,16; 107,25; 135,7; 147,18; 148,8), o “vento leste (קָדִיִם)” (Sl 48,8; 78,26) e/ou o “vento tempestuoso (סַעַר ou סַעֲרָה)” (Sl 55,9; 107,25; 148,8), os “relâmpagos (בְּרָקִים)” (Sl 18,15; 77,19; 97,4; 135,7; 144,6), descritos também como “fogo (אֵשׁ)” (v. 4b; Sl 11,6; 18,13.14; 29,7; 105,32; 148,8), e o “trovão (רָעַם)” (v. 7b; Sl 77,19; 81,8). Finalmente, há os diversos

<sup>2</sup> A “lona estendida” (v. 2b) talvez corresponda ao “firmamento (רַקִּיעַ)” (Gn 1,6.73x; Ez 1,22.23.25.26; 10,1; Sl 19,2; 150,1; Dn 12,3) não mencionado no Salmo 104, isto é, à “abóbada celeste (רַקִּיעַ שְׁמַיִם)” (Gn 1,8.14.15.17.20) compreendida como algo sólido, onde circulam o “sol (vv. 19b.22a)” (אֶשְׁשָׁ) e a “lua (יָרֵחַ)” (v. 19a). Trata-se dos astros que oferecem sua luz à terra. Não obstante, em vez de vincular a luz, de forma expressa, aos luzeiros celestes, o Salmo 104 destaca o Senhor, Deus de Israel, como fonte da claridade. Afinal, “envolto em luz (אֹר) (v. 2a), este “estende os céus como uma lona” (v. 2b). Ocorre, assim, uma dinâmica semelhante ao que se observa na primeira narrativa bíblica: a criação da “luz” (Gn 1,3-5), surpreendentemente, antecede a criação do “sol” e da “lua” (Gn 1,14-19), por mais que se saiba que esses astros têm a tarefa de “iluminar a terra” (Gn 1,17).

tipos de precipitação em forma de “chuva (מָטָר)” (Sl 72,6; 135,7; 147,8), “chubarada (מַטְרָן)” (Sl 68,10; 105,32), “garças (רְבִיבִים)” (Sl 65,11; 72,6), “chuveiro (יַרְזִיף)” (Sl 72,6), “granizo (בָּרָד)” (Sl 18,13.14; 78,47.48; 105,32; 148,8), “neve (שֶׁלֶג)” (Sl 51,9; 147,16; 148,8), “neblina (קִיטוֹר)” (Sl 148,8), “orvalho (טל)” (Sl 110,3; 133,3) e “geada (כְּפֹר)” (Sl 147,16).

Esses fenômenos celestes, por sua vez, tornam-se “palavra” (Sl 147,18) e/ou comunicação de Deus para quem reza nos Salmos. No caso do Salmo 104, “dos ventos”, o Senhor “faz seus mensageiros e, do fogo chamejante, seus ministros” (v. 4a-b). Além disso, Deus se move com as “nuvens” (v. 3b) e “sobre as asas do vento” (v. 3c). Isso corresponde ao fato de que, no livro dos Salmos, comumente, os céus são pensados como habitados por Deus, no sentido de o Senhor neles “estar” (Sl 115,3), “sentar-se” (Sl 2,4; 123,1) e “cavalgar” (Sl 68,34). Ou seja, é ali que se encontra seu “trono (כִּסֵּא)” (Sl 11,4; 103,19), sua “lealdade (חֶסֶד)” (Sl 36,6; 57,11; 108,5) e “sua palavra” (Sl 119,89). Não obstante, os céus não estabelecem limites para Deus, mas sua “majestade (הוֹד)” e “glória (כְּבוֹד)” ultrapassam o espaço em questão, encontrando-se, inclusive, “acima dos céus (עַל-הַשָּׁמַיִם)” (Sl 8,2; 113,4; 148,13), justamente porque Deus pode “elevar-se sobre os céus (עַל-הַשָּׁמַיִם)” (Sl 57,6.12; 108,6).

Como altíssimo, por sua vez, o Senhor é pensado como quem, a partir de sua posição privilegiada, “contempla”, “vê” e/ou “olha para” os “céus”, a “terra” e, com isso, todos “os filhos do ser humano” (Sl 14,2; 33,13; 53,3; 80,15; 102,20. 113,6). Com isso, “dos céus de sua santidade”, ou seja, de seu “santuário celeste”, Deus também “responde” (Sl 20,7), “conclamando os céus para sentenciar seu povo” (Sl 50,4; 76,9). Afinal, tendo estabelecido sua “fidelidade (אֱמִינָה) nos céus” (Sl 89,3) e, com estes, “anunciando sua justiça (צְדָקָה)” (Sl 50,6; 85,12; 97,6), Deus se propõe a “salvar (יִשַׁע)” do alto, no sentido de “enviar” sua ajuda “dos céus” (Sl 57,4). Além disso, Deus é contemplado como quem pode “inclinir os céus e descer” deles (Sl 18,10; 144,5). Eis a esperança cultivada pelo orante aflito e injustiçado nos Salmos: que haja alguém “a seu favor nos céus” (Sl 73,25).

Portanto, céus e fenômenos celestes, amplamente, ganham conotações teológicas. Deus reside neles e comunica-se a partir deles. Ou, com outras palavras, são o lugar onde o Senhor “troveja” (Sl 18,14) e que Deus “cobre com nuvens” (Sl 147,8). Mais ainda, por consequência e/ou como resposta à salvação experimentada, junto a todos os demais seres criados por Deus, “os céus narram a glória de Deus (כְּבוֹד-אֵל)” (Sl 19,2), “louvam” a Deus (Sl 69,35; 148,1.4) e “agradecem o milagre do SENHOR” (Sl 89,6). Inclusive “as águas, que estão acima dos céus”, juntam-se a esse louvor (Sl 148,4). Ou seja, “os céus se alegram” com a realza do Senhor (Sl 96,11).

Ora, no que se refere ao Salmo 104, o poema descreve os diversos espaços da criação. Assim, inicialmente, o orante “trata tudo de uma só vez no céu (vv. 2-4)” – a “luz” (v. 2a), o firmamento como “lona” (v. 2b), as “águas nas salas superiores” (v. 3a), as “nuvens” (v. 3b), o(s) vento(s) (v. 3c.4a) e o “fogo chamejante” (v. 4b) –, para, em seguida, tratar “tudo na terra (vv. 5-23) e, finalmente, tudo no mar (vv. 25-26)” (BERLIN, 2005, p. 76). O segundo espaço, meditado de forma bem mais extensa no Salmo 104, será estudado nos próximos três subitens.

### Terra e recursos hidrográficos

O vocábulo “terra (אֶרֶץ)” (vv. 5a.9b.13b.14c.24c.32a.35a), que indica a casa comum da humanidade e dos seres não humanos, recebe sete menções no Salmo 104. Esse número e seus múltiplos, comumente, são usados como elemento estilístico, trazendo consigo as conotações de completude, inteireza e/ou perfeição por lembrarem o ritmo semanal, com os sete dias (Gn 1,1–2,4a). Dessa forma, já a configuração poética da oração aqui estudada confirma o quanto os Salmos se preocupam com a terra. Ao total, são cento e noventa presenças do vocábulo na obra literária visada, enquanto os “céus (שָׁמַיִם)” (vv. 2b.12a) são mencionados setenta e quatro vezes. Todavia, assim como os céus, também a terra leva o orante bíblico a pensar em Deus.

Inicialmente, o Salmo 104 contempla as origens do planeta em questão (vv. 4-9).<sup>3</sup> Tudo começa com a imagem de “a terra” encontrar-se “fundada sobre as bases dela” (v. 5a), a fim de que ela “jamais vacile” (v. 5b), possuindo, portanto, uma estabilidade perene. Não se fala em “colunas (עֲמֻדִים)” (Sl 75,4) ou “fundamentos da terra (מוֹסְדֵי אֶרֶץ)” (Sl 18,8; 82,5), mas nas “bases” ou “suportes dela (מְכוֹנֵיהָ)” (v. 5a). Estes últimos lembram a “base (מְכוֹן) da moradia” (Sl 33,14) e/ou “do trono” celeste de Deus, a qual consiste em “justiça e direito” (Sl 89,15; 97,2). Todavia, no que se refere à materialidade da criação, a *Bíblia Hebraica* não visa, de forma pormenorizada, ao “problema de como a terra habitada pode manter-se sobre as águas do caos” (KEEL, 1996, p. 33), sendo que estas últimas, em princípio, corresponderiam às águas subterrâneas no “mundo inferior (שְׁאוֹל)” (Sl 6,6; 9,18; 16,10; 18,6; 30,4; 31,18; 49,15<sup>2x</sup>.16; 55,16; 86,13; 88,4; 89,49; 116,3; 139,8; 141,7), formando assim, com outras águas, o “oceano primevo” ou o “abismo (תְּהוֹם)” (v. 6a). Para o Salmo 104, é importante

<sup>3</sup> Os vv. 5-9 formam uma estrofe. No início dela, a flexão do verbo na conjugação dos sufixos – “fundou (בָּנָה)” (v. 5a) – traz uma mudança marcante. Inicia-se com isso um olhar para ações e realidades pertencentes ao passado. No mais, as duas presenças do vocábulo “terra”, no início e no final da unidade literária (vv. 5a.9b), geram uma moldura em torno da estrofe.

destacar o ato fundacional do Senhor Deus: “a terra” (v. 5a) “não vacila” (v. 5b) porque ele a “fundou (יָסַד)” (v. 5a) “sobre mares”, no sentido de “firmá-la sobre correntezas” (Sl 24,2; 78,69; 89,12; 102,26).

No entanto, em vez de imaginar as águas debaixo do astro habitado pela humanidade e pelos seres não humanos, de forma abrangente, o Salmo 104 se propõe a contemplar as águas sobre a terra. Assim, inicialmente, ao pensar nas origens desse planeta, o poema concebe a ideia de volumosas “águas (מַיִם)” terem se detido”, inclusive, “acima dos montes” (v. 6b), isto é, “um oceano primevo (תְּהוֹמוֹת) ter coberto” a terra inteira “como uma veste” (v. 6a). Visando à profundidade dessas águas originárias, o espaço em questão, doze vezes mencionado nos Salmos, também é compreendido como “abismo (תְּהוֹמוֹת)” (v. 6a; Sl 33,7; 36,7; 42,8<sup>2x</sup>; 71,20; 77,17; 78,15; 106,9; 107,26; 135,6; 148,7). Não obstante, ao essas águas primevas, “atropelando-se”, “fugirem (נוֹס)” (v. 7b; Sl 114,3.5) – e isso justamente por causa da “repreensão (גְּעָרָה)” divina (v. 7a) que emprega “o som” ou o “barulho (קוֹל) do trovão (רַעַם)” (v. 7b; Sl 77,19; 81,8) –, “montes (הַרִיִּים)” e “vales (בְּקָעוֹת)” (v. 8a) aparecem. Parece ser impossível comprovar que o poema bíblico recorde aqui “um evento tectônico ou uma série de eventos”, pensando, em relação à terra, num “deslocamento crustal em larga escala” e, com isso, na “orogênese” (BARRICK, 2018, p. 101). Não obstante, surgem os diversos espaços maiores. Assim como Salmo 135,6, o Salmo 104 tem em mente os quatro âmbitos “feitos pelo SENHOR”: os “céus (שָׁמַיִם)” (vv. 2b.12a), a “terra (אֶרֶץ)” (vv. 5a.9b.13b.14c.24c.32a.35a), os “mares (יַמִּים)” (v. 25a; cf. os estudos abaixo) e os “oceanos primevos” ou os “abismos (תְּהוֹמוֹת)” (v. 6a).

Cabe “uma natureza dupla à água: de um lado, “não há vida sem ela”; do outro, “ela pode destruir toda vida” (KEEL, 1996, p. 40). Nesse sentido, em vista da segunda possibilidade, o Salmo 104, primeiramente, medita a separação entre a “água” e a “parte seca” da terra (Gn 1,9-10). É importante que “as águas” (v. 6b) “não ultrapassem” determinados “limites” (v. 9a), “cobrindo a terra” (v. 9b). Nos tempos atuais, observando-se a subida do nível do mar e/ou as enchentes catastróficas, o fenômeno da terra submersa na água, em diversos lugares no mundo, é experimentada de forma dramática. Quem reza no Salmo 104, por sua vez, põe sua fé no “soberano que, por meio de uma ordem poderosa, dirige a água aos reservatórios dela” (ROSS, 2016, p. 250).

Em seguida, o Salmo 104 acolhe a preocupação contrária: a disponibilidade dos recursos hidrográficos para os seres vivos na terra. Em vista disso, encanta-se com “os mananciais (מַעְיָנִים) nas torrentes (נַחְלִים)” (v. 10a), “que correm entre os montes” (v. 10b). Embora a palavra “água” (v. 6b), neste momento, não apareça diretamente no poema, ela é

subentendida. É ela que permite “beber (שָׁקָה)” (v. 11a) e “matar (שָׁבַר) a sede (צָמָא)” (v. 11b). Todavia, visa-se a minas e/ou nascentes de água que dão origem a cursos de água cada vez mais volumosos. Comumente, o líquido precioso, acumulado no aquífero ou lençol freático, isto é, numa bacia de água debaixo do solo, chega, em algum lugar, à superfície da terra e, agora, de uma região mais elevada em direção a territórios mais baixos, começa a fluir da nascente até a foz.

O orante no Salmo 104, de certo, sabe da importância da água para toda a vida. Um sinal disso é que, logo após ter contemplado os “mananciais”, as “torrentes” e o “fluxo” das águas “entre os montes” (v. 10), ele se dedica à descrição ampla de fauna e flora (cf. o estudo dos animais e dos vegetais a seguir). Marcante também é um paralelismo que, dificilmente, tem como ser mantido na tradução do Salmo 104 para o português. Quem escuta ou lê o poema em hebraico, pois, ora contempla Deus como quem “faz jorrar”, isto é, “entrega (שָׁלַח) mananciais” (v. 10a), ora como quem “entrega (שָׁלַח) seu sopro (רוּחַ)” (v. 30a).<sup>4</sup> Ou seja, água e ar, dois elementos abióticos imprescindíveis para a existência dos seres vivos, são compreendidos como dádivas do criador divino.

Além disso, a reflexão sobre a terra ganha ainda outros rumos no Salmo 104. O poema convida a olhar para diversos espaços, lugares e/ou paisagens. Nesse sentido, ocorrem seis referências aos “montes (הַרִים)” (vv. 6b.8a.10b.13a.18a.32b).<sup>5</sup> Ora estes últimos são descritos como “altos (גְּבוּהִים)” (v. 18a), no sentido de haver “cimos (גְּבֻנָּיִם)” (Sl 68,16-17) ou “topos (תּוֹעֲפּוֹת)” (Sl 95,4), e não somente “colinas (גְּבֻעוֹת)” (Sl 65,13; 72,3; 114,4.6; 148,9). Ora se observa como chove na região montanhosa, afirmando-se que é Deus “quem faz os montes beberem de suas salas superiores” (v. 13a). Dessa forma, as águas “descem para os vales” (v. 8a), fazendo “as torrentes correrem entre os montes” (v. 10). Ademais, “os montes” (v. 18) também se tornam um *habitat* e/ou bioma específico. As “rochas (סֻלָּעִים)” ali encontradas oferecem “abrigo (מְחֻסָּה)” a animais específicos como ao “texugo” (v. 18b), mas também, de forma genérica, aos “animais” e ao “gado”, às “aves” e/ou aos “pássaros” que ali vivem, pastam (v. 12a; Sl 11,1; 50,10-11) e, inclusive, se tornam uma “presa” (Sl 76,5). Além disso, existe uma vegetação própria nas regiões mais altas. Com isso, entram em cena o

<sup>4</sup> No caso, a mesma raiz verbal (שָׁלַח) é flexionada duas vezes no grau do *Piel*, ora como participio ativo no singular masculino – “quem entrega/faz jorrar (הַמְשַׁלֵּחַ)” (v. 10a), ora na conjugação dos prefixos, segunda pessoa singular masculino – “caso entregues (תִּשְׁלַח)” (v. 30a). Nos dois casos, o Senhor, isto é, Deus é o sujeito oculto.

<sup>5</sup> Somente no livro dos Salmos, o vocábulo “monte (הַר)” aparece cinquenta e três vezes: Sl 2,6; 11,1; 15,1; 18,8; 24,3; 30,8; 36,7; 42,7; 43,3; 46,3.4; 48,2.3.12; 50,10.11; 65,7; 68,16<sup>4x</sup>.17<sup>2x</sup>; 72,3.16; 74,2; 76,5; 78,54.68; 80,11; 83,15; 87,1; 90,2; 95,4; 97,5; 98,8; 99,9; 104,6.8.10.13.18.32; 114,4.6; 121,1; 125,1.2; 133,3; 144,5; 147,8; 148,9.

“bosque (יַעַר)” (v. 20b; Sl 50,10; 80,14; 83,15; 96,12) ou determinadas “árvores” como os “cedros do Líbano” (v. 16; Sl 80,11), mas também os “cereais” (Sl 72,16) e o “capim” (Sl 147,8). Por fim, o Salmo 104 ainda visa aos “montes que fumegam” (v. 32b; Sl 144,5). De fato, quando, “em sua sublimidade, montes se agitam” e “se movem”, “vacilam”, “trepidam” e/ou “saltam” (Sl 18,8; 46,3.4; 114,4.6), quando “uma chama os consome” (Sl 83,15) ou eles “se derretem como a cera” (Sl 97,5), a natureza, de forma impressionante, manifesta sua força, capaz de ameaçar o ser humano em sua sobrevivência. Quer dizer, “toda a criação revela o poder e a glória de Deus; no entanto, da forma mais majestosa, os terremotos e as erupções de vulcões resultam do toque dele” (ROSS, 2016, p. 253). Afinal, para os orantes nos Salmos, os montes são “os montes de Deus (הַרְרֵי־אֵל)” (Sl 36,7), também no sentido de eles os “firmar” (Sl 65,7).

Formando um contraste com relação aos montes, o Salmo 104 também olha para os “vales (בְּקָעוֹת)” (v. 8a). “A terra a ser possuída” pelo povo de Deus, pois é “uma terra de montes e vales” (Dt 11,11), ou seja, “terra boa, terra de torrentes de água, de fontes e lençóis subterrâneos que jorram nos vales e na montanha” (Dt 8,7). Aliás, com as diversas partes da terra, classificadas de acordo com suas alturas, ganham atenção no Salmo 104 o “campo” e/ou a “campina” (שָׂדֵה ou שְׂדֵה), isto é, as terras cultivadas pelo ser humano ou, simplesmente, os prados com a formação herbácea e os “animais” que hospedam (v. 11a; Sl 8,8; 50,11; 80,14; 96,12; 103,15; 107,37), assim como “a face” ou “a superfície do solo (אֶדְמָה)” (v. 30b; Sl 49,12; 83,11; 105,35; 137,4; 146,4).

## Animais

Em diversos momentos, o Salmo 104 traz a fauna ao encontro de seus ouvintes-leitores. De um lado, o poema, com o vocabulário nele empregado, refere-se a grupos de animais. Nesse sentido, observam-se as menções do “animal (חַיָּה) do campo (שָׂדֵה)” (v. 11a), do “animal (חַיָּה) do bosque (יַעַר)” (v. 20b; Sl 50,10) e dos “animais (חַיֹּת)” do “mar (יָם)”, “pequenos (קְטַנּוֹת)” e “grandes (גְּדִלוֹת)” (v. 25). No caso, focando nos diversos espaços, o substantivo hebraico três vezes presente no Salmo 104 insiste no aspecto de se tratar de “seres vivos (חַיֹּת)”, assim como o ser humano é um “ser vivo” (v. 11a.20b.25c; Sl 50,10; 68,11.31; 74,19<sup>2x</sup>; 78,50; 79,2; 143,3; 148,10). Além disso, o poema aqui estudado menciona o “quadrúpede (בְּהֵמָה)” e, com isso, o “gado” (v. 14a; Sl 8,8; 36,7; 49,13.21; 50,10; 73,22; 107,38; 135,8; 147,9; 148,10), isto é, animais terrestres, selvagens e/ou domesticados, que se movem com quatro patas. No mais, continuando a visar à “classificação de acordo com o

*habitat* natural, água-ar-terra” (BOTTERWECK, 1975, p. 9), o Salmo 104, também, detém sua atenção nas “aves dos céus (עוֹף־הַשָּׁמַיִם)” (v. 12a; Sl 50,11; 78,27; 79,2) e/ou nos “pássaros (צִפּוֹרִים)” (v. 17a; Sl 8,9; 11,1; 84,4; 102,8; 124,7; 148,10), empregando os “dois vocábulos” que “ganham maior relevância como nomes genéricos” quando se visa “à avifauna” (GRENZER; BARROS; DANTAS, 2022, p. 117). Por fim, olhando para o “mar (יָם)” (v. 25a; cf. 6.) e os “animais (חַיִּוֹת)” (v. 25c) nele existentes, o Salmo 104 se refere aos “répteis (רֶמֶשׁ)” incontáveis” (v. 25b; Sl 148,10), ou seja, a uma parte dos animais que se locomovem de rastros, isto é, sem pernas, sabendo-se que existem também “os répteis do solo (רֶמֶשׁ הָאֲדָמָה)” (Gn 1,25; 6,7.20; 7,23; 9,2-3; Ez 38,20; Os 2,20), que “se arrastam sobre a terra (רֶמֶשׁ עַל־הָאָרֶץ)” (Gn 1,26; 7,14; 8,17.19). Aparentemente, “répteis (רֶמֶשׁ)” e “peixes (דְּגָיִים)” (1Rs 5,13; Ez 38,20; Hab 1,14) são distinguidos e/ou vistos como seres diferentes. Enfim, de forma semelhante à lista contida em Salmo 148,10, o Salmo 104, de forma genérica, mira os “animais (חַיִּוֹת e חַיָּה)” (v. 11a.20b.25c), o “quadrúpede (בְּהֵמָה)” (v. 14a), o “réptil (רֶמֶשׁ)” (v. 25b) e os “pássaros (צִפּוֹרִים)” (v. 17a).

De outro lado, quem reza no Salmo 104 encontra, de forma específica, cinco espécies de animais. Quatro desses seres vivos são terrestres. O primeiro é mencionado no plural: “asnos selvagens (פָּרָאִים)” (v. 11b). Com dez presenças na *Bíblia Hebraica* (Gn 16,12; Is 32,14; Jr 2,24; 14,6; Os 8,9; Sl 104,11; Jó 6,5; 11,12; 24,5; 39,5), trata-se de um morador do “deserto (מִדְבָּר)” (Jr 2,24; Jó 24,5), da “estepe (עֲרֶבָה)” (Jó 24,5; 39,6), da “terra salgada (מְלֶחָה)” (Jó 39,6), do “campo desnudado (מְעָרָה)” (Is 32,14), dos “altos descobertos (שֹׁפְטִים)” (Jr 14,6) e/ou das “montanhas (הָרִים)” (Jó 39,8), isto é, de regiões semidesérticas com pouca vegetação herbácea e com carência de água. Assim, o asno selvagem caminha nas regiões inóspitas ao ser humano, justamente como alguém “solitário (בְּוָדֵד)” (Os 8,9) e como quem, para não mais “zurrar” (Jó 6,5), “procura por alimento (טָרַף)” (Jó 24,5), “pastagem (מְרֻעָה)” (Jó 39,8) ou “qualquer verde (כָּל־יֵרֹק)” (Jó 39,8), e, para “beber (שָׁקָה)” (v. 11a) e “matar sua sede (אָצַף)” (v. 11b), percorre grandes distâncias atrás de água. Assim, “em vista de sua existência mísera e de sua procura complicada de alimentos”, o asno selvagem, facilmente, torna-se “metáfora para os pobres” (GRENZER, 2005, p. 35). No entanto, eis a natureza dele. Mais ainda, justamente em sua qualidade de animal indomesticável, o asno selvagem também é contemplado como um “liberto (חֲפָשִׁי)” por excelência, isto é, como quem, com os “laços soltos”, “ri da agitação da cidade e do grito do capataz” (Jó 39,5.7).

Ao continuar seu olhar para o “campo” (v. 11a) e agora, de forma específica, para “os montes altos (הַרְרִים הַגְּבוּהִים)” (v. 18a) e as “rochas (סֻלְעִים)” (v. 18b) neles existentes, o Salmo 104 visa a outros dois animais selvagens. O primeiro deles, novamente mencionado no

plural, são as “cabras-monteses” (עֲלִיּוֹת וְעֵלִיּוֹת) (v. 18a; 1Sm 24,3; Jó 39,1; Pr 5,19). Essas, em princípio, no âmbito de Israel, correspondem ao *ibex-da-núbia*, isto é, à *capra nubiana*. O nome hebraico do animal em vista espelha a raiz verbal comumente traduzida como “subir (עלה)” (v. 8a), sendo que impressiona sua capacidade de subir nas montanhas altas e equilibrar-se em penhascos. Todavia, em vez de favorecer a identificação do vocábulo hebraico com “cabras-monteses”, também se pode pensar nos “capricórnios (עֲלִיּוֹת)” (v. 18a), outros escaladores de grande habilidade nos “montes altos” (v. 18a). Aliás, comparando os dois animais “nas imagens” presentes na iconografia antiga, “difícilmente são distinguíveis” (SCHROER, 2010, p. 115).

O outro animal pertencente à mesma região, igualmente apresentado no plural, são os “texugos-da-rocha (שִׁפְפָּיִם)” (v. 18b), quatro vezes mencionados na Bíblia Hebraica. Conhecido também como *hyrax da rocha* ou *damão-do-cabo*, o “texugo (שִׁפְפָּן)” não serve como alimento (Lv 11,5; Dt 14,7). Isso, por sua vez, não impede o maravilhamento com esse animal selvagem. Contado entre os “quatro menores da terra”, junto à “formiga (נְמִלָּה)”, ao “gafanhoto (אַרְבֵּה)” e à “lagartixa (שִׁמְמִית)”, os “texugos (שִׁפְפָּיִם), um povo nada poderoso, estabelecem a casa deles na rocha” (Pr 30,24-28). Isto é, defendem-se contra seus predadores mais fortes de um modo surpreendente: habitando, de forma vigilante, espaços de difícil acesso.

Por fim, focando nos animais terrestres, o Salmo 104 ainda menciona os “leões jovens (כִּפְּרִיִּם)” (v. 21a). No caso, “o hebraico conhece diversas designações” para o animal em questão, com cerca de cento e trinta presenças na Bíblia Hebraica: “leão (אַרְיֵה ou אֲרִי)” (Sl 7,3; 10,9; 17,12; 22,14.22), indicando o animal “macho adulto”; “leoa (לְבִיאָה ou לְבִיא)” (Sl 57,5), sendo que essa raiz, uma vez, é flexionada no masculino, trazendo o “leão (לְבִיא)” (Sl 57,5); “leão jovem (כִּפְּרִי)” (v. 21a; Sl 17,12; 34,11; 35,17; 58,7; 91,13), visando ao animal “macho ainda não totalmente desenvolvido”; “filhote de leão (גֹּר ou גֹּרִי)” e, empregando ainda outras vocábulos, “leão (לִישׁ)” e “leão (שִׁחַל)” (Sl 91,13) (RIEDE, 2010, p. 1). Com relação aos “leões jovens (כִּפְּרִיִּם)”, os Salmos destacam como esses animais “sentam em seus esconderijos” (Sl 17,12; cf. Sl 10,9), impressionam com suas “mandíbulas” (Sl 59,7; cf. Sl 22,22) e são capazes de provocar a “ruína” de outro ser vivo, justamente ao “dilacerarem” e “rangerem seus dentes” (Sl 35,15-17; cf. Sl 7,3; 17,12; 22,14). Mesmo assim, como qualquer outro ser vivo, inclusive “leões jovens” podem “ficar carentes e famintos” (Sl 34,11), caso lhes falte alimento. Dessa forma, ao “procurarem em Deus por seu alimento” (v. 22a), “rugem por uma presa” (v. 21a). Mais ainda, em princípio, “leão” e/ou “leão jovem” (Sl 91,13) não são um perigo para o ser humano. Segundo a abordagem no Salmo 104,22-23, “com o nascer do sol

pela manhã, os animais selvagens se retiram para os seus esconderijos, enquanto o ser humano sai de sua casa para realizar seu trabalho até a noite” (JANOWSKI, 2022, p. 134).

Ao olhar, no entanto, para os animais que voam e, com isso, pertencem ao ar, o Salmo 104, especificamente, menciona uma representante das “aves dos céus (עוֹרֵי הַשָּׁמַיִם)” (v. 12a) e/ou dos “pássaros (צִפּוֹרִים)” (v. 17a): a “cegonha (הַקִּטִּיטִּי)” (v. 17b). Diversas conotações acompanham esse ser vivo na Bíblia Hebraica. Embora sua carne não possa ser comida pelo fato de a cegonha “alimentar-se de animais” (Lv 11,19; Dt 14,18), a ave em questão – cujo nome, em hebraico, significa a “leal”, a solidária” e/ou a “fiel”, talvez por causa do “cuidado com os filhotes” e/ou de sua “aparição pontual como ave migratória” (Jr 8,7) – é admirada ora pelas “poderosas” e belas “asas, que atingem uma envergadura de quase dois metros e com as quais ela cobre grandes distâncias” (Zc 5,9; Jó 39,13), ora por “aninhar-se nos ciprestes” (v. 17), que são árvores altas (RIEDE, 2007, p. 1).

Resumindo: a oração poética contida no Salmo 104, de forma abrangente, contempla os animais. Cabe-lhes um sentido próprio e/ou uma “razoabilidade teológica”, no sentido de, assim como o ser humano, também eles serem “criaturas dependentes de Deus, sendo que este cuida de todos eles e designa a cada um deles o seu próprio espaço de vida” (THÖNE, 2016, p. 55). Nesse sentido, Deus “faz jorrar mananciais nas torrentes” (v. 10a), para que “deem de beber a cada animal do campo” (v. 11a) e para que “asnos selvagens matem sua sede” (v. 11b). Deus “faz brotar capim para o quadrúpede” (v. 14a). Deus “planta os cedros do Líbano” (v. 16b) e “as árvores do SENHOR se saciam” (v. 16a), para que os pássaros ali se aninhem” (v. 17a) e para que “a cegonha tenha os ciprestes como a casa dela” (v. 17b). Deus “dispõe trevas” e “noite” (v. 20a), para que “nela se mova cada animal do bosque” (v. 20b). Inclusive “os leões jovens procuram sua comida em Deus” (v. 21). Eis as “obras multiplicadas pelo SENHOR, feitas todas com sabedoria”, a fim de que “a terra fique cheia das propriedades dele” (v. 24). Com as palavras de outros orantes no livro dos Salmos, “o SENHOR salva o ser humano e o animal” (Sl 36,7). Por isso, “o animal e todo quadrúpede, réptil e pássaro alado”, juntamente com todas as outras criaturas, “louvam o nome do SENHOR” (Sl 148,5.10).

## Vegetais

Ao focalizar o ambiente na terra, o Salmo 104 dirige seu olhar também aos vegetais, tanto aos lenhosos como aos herbáceos. Embora “os escritos bíblicos, com seu caráter religioso e poético-histórico”, não se proponham a apresentar “uma descrição deliberadamente intencional” dos vegetais, confirma-se que neles existe uma multiplicidade

de “nomes de plantas” e, mais ainda, “uma abundância de vocábulos e descrições que visam à estrutura da planta, à função das partes dela e às suas manifestações elementares da vida” (SILBERSTEIN, 2002, p. 25-26). Vale especialmente para as “árvores (עֲצֵיִם)” (v. 16a) que a *Biblia Hebraica*, e com isso o livro dos Salmos, favorece o “saber de seus nomes, de sua beleza e de seu modo de existir, inclusive de tudo aquilo que tais vegetais lenhosos oferecem ao ser humano” e aos animais para a sobrevivência deles (GRENZER; AGOSTINHO, 2021, p. 453). Ao mesmo tempo, as próprias árvores são descobertas como seres necessitados.

No caso do Salmo 104, as “árvores (עֲצֵיִם)” (v. 16a) entram primeiramente em cena a partir de suas “folhagens” e/ou “ramagens (עֲפָאִיִם)” (v. 12b). Quanto aos textos redigidos em hebraico, o vocábulo traduzido como “ramagem (עָפִי)” (v. 12b) ocorre somente aqui na Bíblia Hebraica. Nas partes desta última escritas em aramaico, por sua vez, o substantivo “ramagem (עָפִי)” se encontra outras três vezes em Dn 4,9.11.18. Destaca-se, sobretudo, que as “ramagens (עֲפָאִיִם)” se tornam um *habitat* para as “aves dos céus (עוֹרֵי־הַשָּׁמַיִם)” (v. 12a) e/ou os “pássaros dos céus”, sendo que esses animais, inclusive, “fazem seus ninhos nos ramos” (Dn 4,9.11.18). Com isso, contempla-se também que “as ramagens” (v. 12b), avaliadas como “belas” (Dn 4,9.18), somente existem porque “as árvores do SENHOR (עֲצֵי־יְהוָה) se saciam” (v. 16a) com a água que Deus “faz jorrar” em forma de “mananciais nas torrentes”, a fim de que “corram entre os montes” (v. 10), e/ou porque Deus, com a chuva, “faz beber os montes de suas salas superiores” (v. 13a). Com outras palavras, tem-se a impressão de que “a folhagem (עָפִי) de uma árvore plantada junto a canais de água não murcha” (Sl 1,3). Assim, vislumbra-se a complexidade da natureza, no sentido de existirem enormes interconectividades nos biomas e/ou sistemas ecológicos.

Além de o Salmo 104 enxergar o conjunto das “árvores (עֲצֵיִם)” (v. 16a) e, com isso, o bioma do “bosque (יַעַר)” (v.20b; Sl 50,10; 80,14; 83,15; 96,12), o poema em questão, inclusive, menciona duas árvores específicas. Ora olha para os “cedros (אַרְזֵיִם)” (v. 16b). Observa que essa árvore, além da Cilícia, existe no “Líbano (לְבָנוֹן)” (v. 12), justamente “por crescer em regiões montanhosas sobre solos rochosos. Com sua altura entre trinta e cinquenta metros e com um diâmetro de tronco de até dois metros, o cedro fornece madeira preciosa de construção, sobretudo em razão da resistência dela” (GRENZER; AGOSTINHO, 2021, 442). Ora o Salmo 104 mira os “ciprestes (כִּפְרוֹשִׁיִם)” (v. 17b), outra árvore conífera que, nas mesmas regiões, cresce junto ao cedro e, igualmente, fornece madeira de maior qualidade “para a construção de navios, templos e palácios” (GRENZER; AGOSTINHO, 2021, 443). No mais, para além dessas duas árvores florestais, o Salmo 104, com as menções do “vinho (יַיִן)” (v. 15a; Sl 60,9; 75,9; 78,65) e do “azeite (שֶׁמֶן)” (v. 15b; Sl 23,5; 45,8; 55,22; 89,21; 92,11;

109,18.24; 133,2; 141,5), embora de forma indireta, leva o ouvinte-leitor a lembrar-se ainda de duas importantes árvores frutíferas, isto é, da “videira (נֶזֶבֶן)” (Sl 78,47; 80,9.15; 105,33; 128,3) e da “oliveira (זַיִת)” (Sl 52,10; 128,3).

Afora as árvores, que são vegetais lenhosos, existem os vegetais herbáceos. Destes últimos, o Salmo 104 menciona diretamente o “capim (קִצִּיר)”, que serve de alimento “para o gado (בְּהֵמָה)” ou, num sentido mais amplo ainda, para todo tipo de quadrúpede (v. 14a). Trata-se, em geral, de uma vegetação mais baixa, também descrita como “relva (דְּשָׁן) verde (יָרֵק)” (Sl 37,2). A este tipo de vegetação cabe a característica de “secar”, “desaparecer” e “murchar rapidamente” (Sl 37,2; 90,5-6), mas também de “renovar-se”, no sentido de “florescer” outra vez (v. 30b; Sl 90,6). Ou seja, o “capim (קִצִּיר) brota como uma flor do campo que, quando por ela passa um vento, deixa de existir” (Sl 103,15-16). E, caso não tenha raízes um pouco mais profundas, como o “capim dos telhados, resseca”, inclusive, “antes de ser tirado” (Sl 129,6). Quando, por sua vez, há “chuva para a terra”, logo “os montes” se cobrem de “capim” (Sl 147,8). No mais, para além do “capim” (v. 14a), justamente ao mencionar o “alimento (לֶחֶם)” (v. 14c) mais importante do homem, isto é, o “pão (לֶחֶם), que fortalece o coração do ser mortal/humano” (v. 15c), o Salmo 104, de forma indireta, leva o seu ouvinte-leitor a pensar nos cereais. Trata-se de outro tipo de vegetais herbáceos, visando-se às “plantas (עֵשֶׂב) para o cultivo do ser humano, a fim de fazer sair da terra o pão” (v. 14b-c). Seja lembrado que a Bíblia Hebraica, além do uso dos “vocábulos mais genéricos traduzíveis como ‘cereal (גֶּזֶן)’ (Sl 4,8; 65,10; 78,24)” e “grão (שֵׂבֶרֶת II)”, menciona “quatro espécies de cereais”: a “cevada (שְׂעֵרָה)”, o “trigo (חִטָּה)” (Sl 81,17; 147,14), a “espelta” ou “centeio (בֶּסֶמֶת)” e o “milhete (דָּחַל)” (GRENZER; DIAS, 2023, p. 407-408).

Todavia, para o Salmo 104, os vegetais só existem porque Deus os “faz beber”, momento em que “a terra se sacia do fruto da obra dele” (v. 13a-b). Assim, Deus “faz brotar o capim” (v. 14a) e “as plantas para o cultivo do ser humano” (v. 14b). Além disso, destaca-se a pertença dos vegetais a Deus. Fala-se, pois, das “árvores do SENHOR” (v. 16a), inclusive por contemplar este último como “plantador” de todas elas (Gn 2,8-9), assim como “plantou os cedros do Líbano” (v. 16b).

## Mar

Além do “céus (שָׁמַיִם)” (v. 2b.12a) e da “terra (אֶרֶץ)” (v. 5a.9b.13b.14c.24c.32a.35a), o orante no Salmo 104 olha para o “mar (יָם)” (v. 25a). Embora prevaleça na Bíblia Hebraica e, inclusive, no poema aqui estudado “um mundo geocêntrico”, que é “dominado pela massa

terrestre circundada (literalmente) por mares periféricos”, o “conjunto dos mares”, compreendido “como reserva de uma biota marinha”, é formado por “águas que produzem a vida marinha”, com todas “as espécies aquáticas” nelas existentes (WATSON, 2022, p. 332). Vale a pena visitar as trinta e oito menções do mar no livro dos Salmos.

No caso, os poemas milenares em questão contemplam as “correntezas (נְהָרוֹת)”, as “profundezas” e/ou os “abismos (תְּהוֹמוֹת)” dos “mares (יָם)”, inclusive daqueles que formam o “oceano primevo (תְּהוֹם)”, sobre o qual foi “fundada a terra” (Sl 24,2; 33,7; 106,9). Com isso, contempla-se a força das águas marítimas, no sentido de observar-se “o bramido (וּשְׁאוֹן) dos mares” (Sl 65,8; 96,6), as “magníficas vagas do mar (מְשַׁבְּרֵי יָם)” (Sl 93,4), o “mar ressoador (רַעַם)” (Sl 96,11; 98,7) e, até, “o vacilo de montanhas no coração do mar” (Sl 46,3). Com isso, Deus é visto como quem “agita o mar com sua força” (Sl 74,13) ou “governa a soberba (גְּאוֹת) do mar” (Sl 89,10). Por fim, visa-se, inclusive, à “areia (חוֹל) dos mares” (Sl 78,27).

Outra maneira pela qual o mar se apresenta à vista do ser humano é a extensão e a eventual transformação dele. Nesse sentido, ora os limites das terras ocupadas por determinado povo se estendem “até o mar (עַד יָם)” (Sl 80,12), ora o “mar” se torna referência horizontal, quando se olha para os “extremos da terra (קְצוֹי אֶרֶץ)”, com os povos “distantes (רְחוֹקִים)” ali existentes (Sl 65,6; 107,3; 139,9), ora referência vertical, ao se vislumbrar os “precipícios (מְצוֹלֹת)” dele (Sl 68,23). Além disso, concebe-se a ideia da transformação do “mar” em “terra seca (יַבְשָׁה)” (Sl 66,6; 77,20; 78,13), no sentido de “o mar fugir” (Sl 114,3.5) ou “ser cortado” (Sl 136,13), imaginando-se a “repreensão” ou a “sacudidura” dele por Deus (Sl 106,9; 136,15). Quando, no entanto, acontece isso, trata-se de “coisas temíveis (נִוְרָאוֹת) realizadas por Deus” (Sl 106,21-22), pressupondo-se que “o SENHOR faz o que aprecia: (n)os céus e (n)a terra, (n)os mares e (n)os abismos” (Sl 135,6; 146,6).

Outro aspecto levado em consideração lembra-se dos diversos seres vivos, isto é, dos animais que povoam o “mar (יָם)”, sobretudo os “peixes (דְּגָיִם)” (Sl 8,9). De forma mais genérica visa-se, ainda, a tudo “que passa (עֹבֵר) pelas veredas dos mares” (Sl 8,9), “que se move (רָמַשׁ) nos mares” (Sl 69,35) ou “o que plenifica (מְלֵא) o mar” (Sl 96,11).

No mais, o mar suscita a questão do poder. Há quem deve exercer seu domínio sobre o espaço em questão, “comandando de mar a mar” (Sl 72,8) ou “colocando sua mão sobre o mar” (Sl 89,26), a fim de promover a “paz (שְׁלוֹם)” (Sl 72,7). Em contrapartida, porém, o próprio “mar” exerce também o seu poder. Nesse sentido, ora provoca a “revolta” de quem, de repente, se imagina preso por ele, como os israelitas no “mar dos Juncos” (Sl 106,7), ora “encobre os inimigos” que insistem em políticas opressivas (Sl 78,53). Com tudo isso, os

“mares” se tornam palavra de Deus e, como os “céus” e a “terra”, “louvam” o Senhor (Sl 69,35). Afinal, “o mar é dele, pois ele o fez” (Sl 95,5).

No que se refere à contemplação do “mar (ים)” (v. 25a) no Salmo 104, ele é descrito como “grande (גדול) e espaçoso (רחב) em extensão” (v. 25a). Juntamente, afirma-se que nele há “réptil (שׂרָפָן) sem número”, isto é, seres que se arrastam (v. 25b), ou, com outras palavras, “animais (חיות) pequenos (קטנות) e grandes (גדולות)” (v. 25c). Dos grandes, por sua vez, o orante menciona dois: os “navios (אֲנָיִוֹת)”, que “ali navegam” (v. 26a; Sl 48,8; 107,23), e o “Leviatã (לִיָּוִיָּהוּ)” (v. 26b; Sl 74,14; Jó 3,8; 40,25; Is 27,1). No caso, ajuda verificar como “as representações dos navios fenícios pertencentes à primeira metade do primeiro milênio a.C. documentam que a proa desses navios, muitas vezes, culminava em prótomos de animais, especialmente cabeças de aves e cavalos” (UEHLINGER, 1990, p. 522). Dessa forma, os navios ganham semelhança aos seres vivos habitantes do mar. Juntamente, a iconografia antiga (cf. a ilustração subsequente), ao visualizar os animais marítimos (peixes, serpentes, tartarugas etc.) e os navios, traz também alguns “seres míticos” e/ou “lendários, cuja existência igualmente era tida como real” (HOSSFELD, 2008, p. 85). Eis o caso do “Leviatã” (v. 26b). Vale, no entanto, para o Salmo 104 que, “embora possam emanar pavores do crocodilo-Leviatã (Jó 41,6)” (UEHLINGER, 1990, p. 500-501), esse ser monstruoso é contemplado como “formado” por Deus (v. 26c). Mais ainda, ao estar no mar, o animal em questão “brinca nele (בו)” ou, compreendendo a preposição hebraica de outra forma, que seu criador “brinca com ele (בו)” (v. 26c). Prevalece, portanto, uma visão harmoniosa e pacífica no que se refere à coexistência de todos os seres pertencentes ao mar.

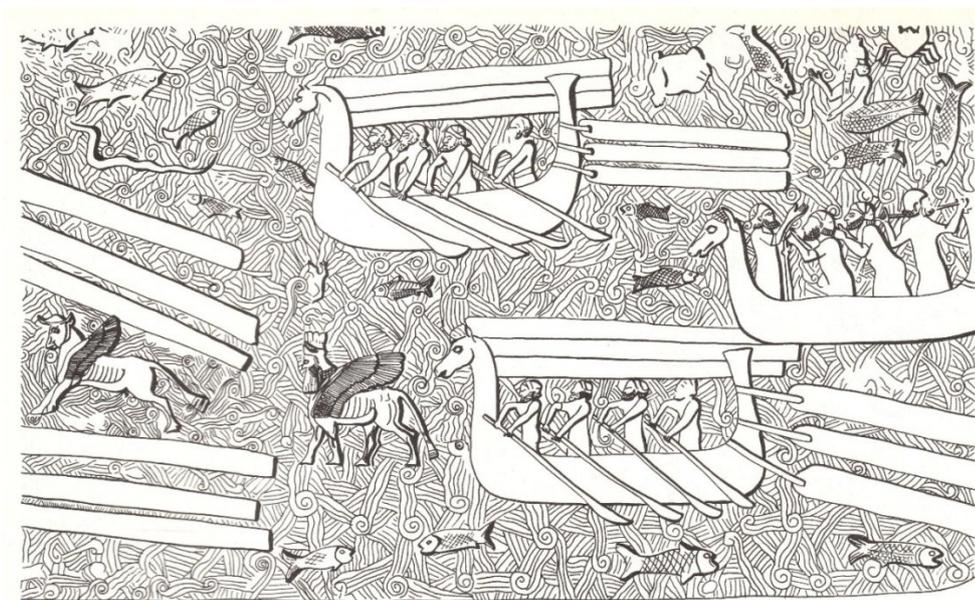


Ilustração: relevo de alabastro de Corsabad, do período de Sargon II (721-705 a.C.), Assíria (KEEL, 1996, p. 64)

## Considerações finais

O presente estudo traz como resultado a identificação mais exata dos espaços mencionados no Salmo 104, isto é, dos céus, da terra e do mar. Com isso, entram também em cena luminas celestes, fenômenos climáticos, água e ar, paisagens terrestres, vegetais e animais. Ocorre, inclusive, um olhar para os alimentos, uma vez que animais e seres humanos precisam “recolher (לקט)” (v. 28a) sua “comida (אֵכָל)” (v. 21b.27b), seja ao caçar uma “presa (תְּרִף)” (v. 21a), seja ao comer “capim (קִצִּיר)” (v. 14a) ou os frutos oferecidos pelas “plantas (עֵשֶׂב) cultivadas pelo ser humano” (v. 14b).

Contudo, ao acompanhar mais atentamente como o poema lírico em questão investe na contemplação do ambiente e/ou da natureza, o ouvinte-leitor, em princípio, encontra-se diante do convite de amar, respeitar e proteger aquilo que, agora, conhece de mais perto. No caso, o Salmo 104 propõe uma compreensão de “relações não hierárquicas” entre os mais diversos seres, humanos e não humanos, cabendo a cada ser um “valor intrínseco” ou, religiosamente falando, um caráter “sagrado” a partir de sua “relação próxima com o Deus amigável à natureza” (VIVIERS, 2017, p. 7). Assim, diante da crise ambiental a ser enfrentada pela humanidade, acolher as eco poeticidades e, com isso, a reflexão ecoteológica desse milenar poema religioso de criação pertencente ao livro dos Salmos permite ganhar aquela fé sem a qual o ser humano não muda nenhum de seus comportamentos equivocados.

## Referências bibliográficas

- ALTER, Robert. **The Glory of Creation in Psalm 104**. In: Couey, J. Blake; James, Elaine T. (eds.). *Biblical Poetry and the Art of Close Reading*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018, p. 51.
- BARRICK, William D. **Exegetical Analysis of Psalm 104:8 and Its Possible Implications for Interpreting the Geological Record**. In: Whitmore, John H. (Edt.). *Proceedings of the Eighth International Conference on Creationism: Technical Symposium Sessions*. Cedarville, OH: Creation Science Fellowship, 2018, p. 95-102.
- BARTELMUS, Rüdiger. **שָׁמַיִם *šāmayim***. In: Botterweck, G. Johannes; Ringgren, Helmer; Fabry, Heinz-Josef. *Theological Dictionary of the Old Testament*. V. XV. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans, 2015, p. 204-236.
- BERLEJUNG, Angelika. **Himmel**. In: Berlejung, Angelika; Frevel, Christian (eds.). *Handbuch theologischer Grundbegriffe zum Alten und Neuen Testament*. 5. ed. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 2016, p. 268-271.

- BERLIN, Adele. **The Wisdom of Creation in Psalm 104**. In: Troxel, Ronald L. e outros (eds.). *Seeking out the Wisdom of the Ancients*. Essays Offered to Honor Michael V. Fox on the Occasion of His Sixty-Fifth Birthday. Winona Lake, Indiana: Eisenbrauns, 2005, p. 71-83.
- BOTTERWECK, G. Johannes. **בְּהֵמָה *b<sup>e</sup>hēmāh* בְּהֵמוֹת *b<sup>e</sup>hēmóth***. In: Botterweck, G. Johannes; Ringgren, Helmer; Fabry, Heinz-Josef. *Theological Dictionary of the Old Testament*. V. II. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans, 1975, p. 6-20.
- BROWN, William P. **“Deep calls to deep”. The Ecology of Praise in the Psalms**. In: Marlow, Hilary; Harris, Mark (eds.). *The Oxford Handbook of the Bible and Ecology*. Oxford: University Press, 2022, p. 166-183.
- BROWN, William P. **The Passion of the Creator. The Manifold Nature of Nature in Psalm 104**. In: Brown, William P. *The Seven Pillars of Creation*. The Bible, Science, and the Ecology of Wonder. Oxford: University Press, 2010, p. 141-159.
- CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. Nova Instrução para a recta aplicação da Constituição sobre a Sagrada Liturgia do Concílio Vaticano *Liturgicam Authenticam*. Roma, 2001. Disponível em: <[https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/ccdds/documents/rc\\_con\\_ccdds\\_d oc\\_20010507\\_comunicato-stampa\\_po.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/rc_con_ccdds_d oc_20010507_comunicato-stampa_po.html)>. Acesso em: 27/04/2024.
- DECLAISSÉ-WALFORD, Nancy L. **Discovering “Place” and “Space” in Psalm 104**. In: *Journal for Semitics*, v. 32, n. 2, p. 1-14, 2023.
- FERREIRA, H.; SUTTON, Lodewyk. **Ecological Hermeneutics as Current Trend in Old Testament Research in the Book of Psalms**. In: *Acta Theologica*, v. 44, n. 1, p. 306-321, 2024.
- GRENZER, Matthias. **Salmos**. In: *A Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 2023, p. 828-985.
- GRENZER, Matthias; BARROS, Paulo Freitas; DANTAS, José Ancelmo Santos. **Pássaros nos Salmos. Elementos para uma ecoespiritualidade**. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 82, n. 321, p. 115-129, 2022.
- GRENZER, Matthias; DIAS, Dévisson Luan Oliveira. **Ázimos como ecoteologia exodal**. In: *Revista Brasileira de Interpretação Bíblica*, v. 4, n. 8, p. 402-416, 2023.
- GRENZER, Matthias; AGOSTINHO, Leonardo Henrique Silva. **Árvores nos Salmos. Elementos para uma educação espiritual e ambiental**. In: *Encontros Teológicos*, v. 36, n. 2, p. 439-456, 2021.
- GRENZER, Matthias. **Análise poética da sociedade. Um estudo de Jó 24**. São Paulo: Paulinas, 2005.
- HOSSFELD, Frank-Lothar. **Psalm 104**. In: Hossfeld, Frank-Lothar; Zenger, Erich. *Psalmen 101–150*. Freiburg: Herder, 2008, p. 67-92.
- JANOWSKI, Bernd. **“Sie alle hast du mit Weisheit gemacht”. Psalm 104 und das Lob des Schöpfers**. In: *Sacra Scripta*, v. XX, n. 2, p. 125-144, 2022.
- KEEL, Othmar. **Die Welt der altorientalischen Bildsymbolik und das Alte Testament**. Am Beispiel der Psalmen. 5. ed. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1996.

- KRÜGER, Thomas. **“Kosmo-theologie” zwischen Mythos und Erfahrung. Psalm 104 im Horizont altorientlicher und alttestamentlicher “Schöpfungs”-Konzepte.** In: Krüger, Thomas. *Kritische Weisheit. Studien zur weisheitlichen Traditionskritik im Alten Testament.* Zürich: Pano Verlag, 1997, p. 91-120.
- NTREH, Abotchie. **The Survival of Earth. An African Reading of Psalm 104.** In: Habel, Norman C. (ed.). *The Earth Story in the Psalms and the Prophets.* Sheffield: Academic Press, 2001, p. 98-108.
- RENSBERGER, David. **Ecological Use of the Psalms.** In: Brown, William P. (Edt.). *The Oxford Handbook of the Psalms.* Oxford: University Press, 2014, p. 608-620.
- RIEDE, Peter. **Im Spiegel der Tiere.** Studien zum Verhältnis von Mensch und Tier im alten Israel. Freiburg; Göttingen: Universitätsverlag; Vandenhoeck & Ruprecht, 2002.
- RIEDE, Peter. **Storch.** In: *Das wissenschaftliche Bibellexikon im Internet (WiBiLex)*, p. 1-2. Disponível em: <http://www.bibelwissenschaft.de/stichwort/31804/>. Acesso em: 04/08/2024.
- RIEDE, Peter. **Löwe.** In: *Das wissenschaftliche Bibellexikon im Internet (WiBiLex)*, p. 1-9. Disponível em: <http://www.bibelwissenschaft.de/stichwort/25081/>. Acesso em: 03/08/2024.
- ROSS, Allen P. **A Commentary on the Psalms.** Volume 3 (90–150). Grand Rapids: Kregel, 2016.
- SCHROER, Silvia. **Die Tiere in der Bibel. Eine kulturgeschichtliche Reise.** Freiburg: Herder, 2010.
- SILBERSTEIN, Zwi. **Die Pflanze im Alten Testament.** In: Neumann-Gorsolke, Ute; Riede, Peter. *Das Kleid der Erde. Pflanzen in der Lebenswelt des alten Israel.* Stuttgart; Neukirchen-Vluyn: Calwer; Neukirchener Verlag, 2002, p. 23-54.
- THÖNE, Yvonne Sophie. **Zwischen Nutzen und Nähe. Tiere in der Bibel.** In: Bischöfliches Ordinariat (Edt.). *Mensch und Tier. Impulse für ein schöpfungsgemässes Miteinander.* Jahrbuch der Diözese Gurk V. 40. Klagenfurt: 2016, p. 52-58.
- UEHLINGER, Christoph. **Leviathan und die Schiffe in Ps 104,25-26.** In: *Biblica*, v. 71, n. 4, p. 499-526, 1990.
- VIVIERS, Hennie. **Is Psalm 104 an Expression (also) of Dark Green Religion?** In: *HTS Theological Studies*, v. 73, n. 3, p. 1-8, 2017.
- WALKER-JONES, Arthur. **Psalm 104. A Celebration of the Vanua.** In: Habel, Norman C. (ed.). *The Earth Story in the Psalms and the Prophets.* Sheffield: Academic Press, 2001, p. 84-97.
- WATSON, Rebecca S. **The Sea and Ecology.** In: Marlow, Hilary; Harris, Mark (eds.). *The Oxford Handbook of the Bible and Ecology.* Oxford: University Press, 2022, p. 324-338.